

ARTIGO

**AFORIZAÇÃO EM JORNAIS BRASILEIROS DE GRANDE CIRCULAÇÃO:
AS TRAGÉDIAS DE BRUMADINHO E MARIANA NO FOCO DO
DISCURSO**

*(Aphorization in Brazilian newspapers of great circulation: the tragedy of Mariana and
Brumadinho in the focus of discourse)*

*(Aforización en periódicos brasileños de gran circulación: la tragedia de Mariana y Brumadinho
en el foco del discurso)*

Alessandra Folha Mós Landim ¹
(CAPES - UFMG)

Glaucia Muniz Proença Lara ²
(UFMG)

Recebido em: setembro de 2020

Aceito em: maio de 2021

DOI: 10.26512/les.v22i2.33912

¹ Alessandra Folha Mós Landim tem mestrado em Letras pela Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP) e, atualmente, é doutoranda no Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). É bolsista da CAPES e atua no domínio dos Estudos do Discurso, desenvolvendo sua tese sobre a construção discursiva midiática dos rompimentos das barragens de Mariana-MG e Brumadinho-MG. E-mail: cna.alessandrafolha@gmail.com.

² Glaucia Muniz Proença Lara tem doutorado em Semiótica e Linguística Geral pela Universidade de São Paulo (USP). Atualmente, é professora titular da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), onde atua tanto na graduação quanto na pós-graduação (Mestrado e Doutorado) no domínio dos Estudos do Texto e do Discurso. E-mail: gmplara@gmail.com.

RESUMO

Neste trabalho, abordamos a noção de destacabilidade/aforização (MAINGUENEAU, 2006; 2010; 2014; 2015) a partir de textos midiáticos sobre o rompimento das barragens de Mariana-MG (2015) e Brumadinho-MG (2019). Para tanto, escolhemos dois jornais: i) Folha de S. Paulo, devido à sua proeminência nacional; e ii) Estado de Minas, pela sua expressividade regional. Discutindo a polifonia/a heterogeneidade que atravessa o dizer dos jornais por meio desses enunciados destacados, concluímos que as aforizações: i) funcionam como uma poderosa estratégia de captação da instância receptora; e ii) indicam diálogo e confrontação de vozes geridas pelos jornais.

Palavras-chave: *Discurso midiático. Destacabilidade. Aforização. Estratégias de captação de leitores. Gestão de vozes. Polifonia/heterogeneidade discursiva.*

ABSTRACT

In this paper, we study the notion of detachment / aphorization (MAINGUENEAU, 2006; 2010; 2014; 2015) in media texts that deal with the Brazilian dam breaks of Mariana-MG (2015) and Brumadinho-MG (2019). Two newspapers were chosen: i) Folha de S. Paulo, due to its national prominence; and ii) Estado de Minas, due to its regional expressiveness. Discussing the polyphony / heterogeneity that goes through the discourse of the chosen newspapers by means of the highlighted statements, we concluded that aphorizations: i) work as a powerful strategy to attract the reception instance; and ii) indicate dialogue and confrontation of voices managed by the newspapers.

Keywords: *Media discourse. Detachment. Aphorization. Strategies to attract readers. Managing of voices. Discursive polyphony / heterogeneity*

RESUMEN

En este artículo, planteamos la noción de destacado/aforización (MAINGUENEAU, 2006; 2010; 2014; 2015) a partir de textos mediáticos que versaban acerca de la ruptura de las represas Mariana-MG (2015) y Brumadinho-MG (2019). Por esa razón, elegimos dos periódicos: i) Folha de S. Paulo, por su relevancia nacional; y ii) Estado de Minas, por su expresividad regional. Discutiendo la polifonía/ heterogeneidad que atraviesa los dichos de los periódicos, a través de estos enunciados destacados, concluimos que las aforizaciones: i) funcionan como una poderosa estrategia para capturar la instancia receptora; y ii) señalan diálogo y confrontación de voces manejadas por los periódicos.

Palabras clave: *discurso mediático. Destacado. Aforización. Estrategias de captura de lectores. Manejo de voces. Polifonía / heterogeneidad discursiva*

INTRODUÇÃO

Acontecimentos que marcam comunidades e rompem com a “ordem natural das coisas” evocam uma série de enunciações ancoradas em diferentes gêneros de discurso. É o caso do rompimento das barragens de Mariana-MG (2015) e Brumadinho-MG (2019), acontecimentos marcantes na sociedade brasileira, dados os seus desdobramentos e consequências. Perdas de vida e destruição da natureza são alguns dos muitos resultados desses eventos que, juntos, configuram o maior desastre da mineração no Brasil. Foram milhões de toneladas de lama de rejeitos de minério que percorreram centenas de quilômetros; outras tantas toneladas de peixes mortos que culminaram na destruição da pesca em comunidades que dependiam dos rios Doce e Paraopeba. A perda de vidas

humanas nesses dois eventos é um contrassenso: 19 mortos, sendo 1 desaparecido até hoje, em Mariana-MG; 248 mortos e 22 desaparecidos até agora em Brumadinho-MG³.

A perda cultural, simbólica e memorial é, portanto, incalculável. De acontecimentos como esses, surge, como já foi dito, um conjunto imenso de situações de comunicação, que remetem a gêneros como comentários, conversas informais, e, evidentemente, coberturas jornalísticas (notícias, reportagens, editoriais etc.), entre outros tipos de discursivização que poderiam ser aqui tomados como objeto de estudo. É preciso, contudo, fazer um “recorte”. Optamos, inicialmente, por trabalhar com o discurso midiático e, buscando delimitar um pouco mais nossa trajetória, por abordar a noção de destacabilidade/aforização (MAINGUENEAU, 2006; 2010; 2014; 2015) a partir de textos publicados na mídia impressa brasileira, tendo como mola propulsora a temática do rompimento das duas barragens.

Em linhas gerais, a noção de aforização pode ser definida como um enunciado destacado de um texto que, no caso da mídia impressa – domínio que nos interessa aqui –, transforma-se em título, subtítulo ou legenda de foto⁴. Nossa decisão se esteia no fato de que, como várias pesquisas já o demonstraram (ver, além dos trabalhos de D. Maingueneau citados, os de LARA, 2013; 2016), a mídia impressa se vale, com frequência, das aforizações como estratégia de construção de seu discurso, com o objetivo maior de “atrair” o leitor para uma dada publicação. Por meio desses destaques frasais, dá-se, portanto, visibilidade a eventos, como os que nos interessam neste artigo, trazendo à baila importantes reflexões sobre os próprios eventos e sobre o papel dos sujeitos neles envolvidos.

Para estudar as aforizações no discurso sobre o rompimento das barragens de mineração de Mariana-MG e Brumadinho-MG, elegemos dois jornais que cobriram os acontecimentos e que têm suas especificidades em relação a eles. São os seguintes:

- a) *Folha de S. Paulo*: jornal brasileiro de circulação bastante abrangente que discursiviza os acontecimentos em uma posição geográfica, cultural e socialmente mais “distante”⁵;
- b) *Estado de Minas*: que, por abordar eventos ocorridos no estado de Minas Gerais, é um importante veículo de informação midiática que se interpõe, enquanto instância de

³ Informação obtida através da contagem da lista de mortos e “pessoas sem contato” da empresa Vale.

⁴ A noção de destacamento/aforização será retomada e detalhada mais à frente

⁵ De acordo com o documento institucional do Grupo Folha, no que tange à linha editorial do jornal, as características que definem o jornalismo da *Folha de S. Paulo* são um jornalismo crítico, apartidário e pluralista (FOLHA DE S.PAULO, 2019, *online*). Além disso, como afirma o referido documento, essas premissas acompanham o jornalismo da instituição desde o início da década de 1980.

produção discursiva, entre o “acontecimento bruto” e seus leitores, a partir de uma posição de grande jornal, porém comprometido com sua mineiridade imanente⁶.

Podemos considerar que os jornais são instâncias de produção discursiva calcadas em atividades sociais. Sobre esse alicerce, eles constroem seus textos preocupados com alguns aspectos: primeiramente, a finalidade de informar (embora se possa questionar, já de saída, a ideia de que a informação se dá de forma objetiva e neutra). Em segundo lugar, a instância de recepção. Nesse sentido é que repousa nossa maior empreitada: examinar as estratégias discursivas que são mobilizadas na construção do discurso e que visam à captação do público-alvo. As frases destacadas (em discurso direto) da fala de grupos sociais diversos e “transformadas” em títulos, legendas de fotos, manchetes são, como vimos, parte das estratégias de comunicação midiática, funcionando como vozes diversas na construção do discurso. Por exemplo, no caso de aforizações relacionadas aos atingidos pelo rompimento das barragens, observamos uma tentativa de legitimação do discurso.

Tecidos os comentários iniciais sobre nosso “objeto” e as escolhas teórico-metodológicas que orientarão seu estudo, partiremos, a seguir, para a discussão das noções que nos acompanharão no trajeto até as análises.

1. CONSIDERAÇÕES SOBRE O DISCURSO DA MÍDIA JORNALÍSTICA IMPRESSA

A percepção de que o uso da linguagem consiste em atos de comunicação está voltada, entre outros aspectos, para a ideia de que toda prática languageira envolve uma instância de produção e outra de recepção. No caso dos jornais, como os mencionados na Introdução, essa ideia é válida, especialmente no sentido de se considerarem os lugares de produção de sentido. Como aponta Charaudeau (2015, p. 23), três são esses lugares: i) a instância de produção, lugar onde se encontram os efeitos de sentido visados; ii) o produto, lugar que se refere, em nosso caso, ao conjunto de textos produzidos/publicados nos jornais; e iii) a instância de recepção, qual seja, o lugar das condições de interpretação, lugar dos efeitos de sentido produzidos.

Charaudeau (2015) esclarece que a instância de recepção é, em primeira mão, idealizada pela instância de produção, o que, portanto, não é garantia de que o receptor real tenha exatamente as mesmas impressões imaginadas pela instância de produção. Dessa forma, é importante mencionar que, no presente trabalho, nos ocuparemos dos efeitos de sentido visados, uma vez que não tivemos acesso ao leitor real dos jornais.

⁶ O *Estado de Minas* ganhou repercussão como o grande jornal dos mineiros e, por isso, é importante órgão comunicador no estado. Considerado um jornal consistente em sua história, absorve em si a própria identidade da imprensa mineira (FRANÇA, 1998).

Em outras palavras, os casos de aforização que pretendemos estudar estão na ordem das possibilidades interpretativas e não na da interpretação do leitor real. Isso implica que não trataremos da instância de recepção propriamente dita, mas consideraremos o modo como ela é inscrita no discurso por meio de estratégias (neste caso, as aforizações) que chamam a atenção do leitor para dadas questões, em detrimento de outras (que estariam igualmente disponíveis e, possivelmente, ensejariam leituras diferentes dos fatos descritos).

Essas noções remetem à inegável polifonia enunciativa que constitui o discurso em geral e, particularmente, para os fins que nos interessam aqui, o das mídias. Assim, recuperando estudos pioneiros como os de Bakhtin e do Círculo e sua releitura por Ducrot (1987), é possível admitir a presença de várias vozes no discurso midiático, com destaque (no caso das aforizações) para a forma mais clássica de polifonia: o discurso relatado, sobretudo, o discurso direto. A partir dessa ideia, é possível tomar o jornal como um “grande locutor” que gerencia um sem número de vozes outras (além de sua própria) por meio de falas destacadas, o que nos permite ainda entender que o jornal, enquanto instância de produção, organiza essas vozes a serviço da construção persuasiva de seu discurso.

Essa polifonia característica do discurso nos leva a recuperar, no âmbito da análise do discurso francesa (ADF), teoria que nos serve de base, a noção correlata de heterogeneidade, particularmente, a mostrada, que “inscreve o outro na sequência do discurso” (AUTHIER-REVUZ, 1990, p. 25). A presença desse “outro” nos destacamentos que aparecem em forma de aforização é, portanto, uma das maneiras pelas quais é possível observar a polifonia/heterogeneidade do/no discurso midiático, o que nos auxilia no sentido de examinar os posicionamentos discursivo, ideológico e/ou político dos jornais. Dessa maneira, por meio do exame das aforizações presentes em textos jornalísticos (entrevistas, reportagens, notícias), selecionados nos períodos compreendidos entre 06 de novembro e 06 de dezembro de 2015 e entre 26 de janeiro e 26 de fevereiro de 2019, períodos que correspondem ao primeiro mês de publicações jornalísticas pós-rompimento das barragens de mineração em Mariana-MG e Brumadinho-MG, respectivamente, poderemos perceber as diferentes vozes sistematizadas, geridas e confrontadas nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*.

Nessa perspectiva, é possível mencionar ao menos dois polos nos quais se encontram as vozes dos sujeitos envolvidos no rompimento das duas barragens: i) o grupo dos sujeitos/locutores diretamente implicados com os eventos, ou seja, os atingidos e os responsáveis pelas empresas que respondem pelas barragens; e ii) o grupo dos sujeitos/locutores não diretamente implicados, ou seja, especialistas e atores políticos. É interessante notar – a exemplo do que foi observado por Lara (2016) em estudo relativo às aforizações no *Estado de Minas* sobre o rompimento da barragem de Mariana-

MG – que as vozes dos atingidos (pessoas comuns) dividem o espaço discursivo midiático com autoridades, atores políticos e especialistas, o que, em geral, não acontece na cobertura jornalística de outros tipos de eventos. A esse respeito podemos citar o caso dos discursos sobre a ocupação do Morro do Alemão produzidos pelas revistas *IstoÉ*, *Veja* e *Carta Capital*, em que as vozes privilegiadas foram as dos especialistas e dos atores políticos, com o “apagamento” sistemático das vozes dos moradores do Morro (LARA; CAMPOS, 2013). No caso do rompimento das barragens, no entanto, a própria natureza (trágica) dos eventos resulta na necessidade do aparecimento de vozes das vítimas na construção do discurso dos jornais, já que elas figuram como os principais atingidos pelos desdobramentos e consequências dos eventos descritos, legitimando o(s) discurso(s).

Nos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*, constatamos que a polifonia/heterogeneidade está relacionada à inscrição do(s) discurso(s) sobre as tragédias em uma memória coletiva. Nesse sentido, podemos chamar a atenção para o papel da própria discursividade sobre a construção narrativa e/ou “informativa” das tragédias. O que nos interessa mais de perto, no entanto e por enquanto, é que o acontecimento histórico/bruto dá origem à discursividade que, por sua vez, é construída por meio de especificidades como o próprio “aparecimento” de vozes diversas (divergentes ou não), especialmente por intermédio do que Maingueneau (2006; 2010; 2014; 2015) denomina frases sem texto ou *aforizações*.

2. BREVES REFLEXÕES SOBRE A NOÇÃO DE AFORIZAÇÃO

Refletir sobre a noção de aforização implica, inicialmente, compreender a ideia de destacabilidade. Sobre isso, Possenti, ao explicar o título da obra de Maingueneau (*Frases sem texto*), diz:

[...] a problemática foi inicialmente apresentada a partir do conceito de destacabilidade, que se refere a um conjunto de propriedades de certas frases que as fazem ser destacadas e circular, eventualmente, fora do texto de que fizeram parte na origem. “Sem texto” qualifica o final de um processo, que vai da destacabilidade ao destacamento, passando eventualmente por modificações que tornam a sequência mais pregnante (POSSENTI, 2014, p. 7).

As aforizações, portanto, são sequências que, independentemente de seus (con)textos originais, aparecem em lugares de destaque e evocam efeitos de sentido diversos que corroboram ou não seu aparecimento primitivo. As mídias são bastante produtivas em relação a esse fenômeno discursivo. Não raramente, é possível observar casos de falas de locutores que se tornam títulos de notícias, reportagens ou entrevistas, legendas de fotos ou mesmo circulam em seções que têm como objetivo destacar o que dizem os políticos, os famosos etc. Essas frases, por sua vez, foram

originalmente ditas em situações enunciativas específicas, mas podem ser retiradas desses (con)textos para aparecer em outras enunciações, tornando-se, então, aforizações.

Ao abordar a destacabilidade, Maingueneau (2006, p. 80) afirma que, nas mídias, os enunciados destacados surgem, via de regra, como “pequenas frases”, isto é, enunciados curtos e propensos a retomadas. Explica que não é possível determinar se essas “pequenas frases” são assim porque “os locutores de origem as quiseram [...] destacáveis, destinadas à retomada pelas mídias, ou se são os jornalistas que as dizem dessa forma para legitimar seu dizer” (MAINGUENEAU, 2006, p. 80).

Mas por que as aforizações são consideradas “frases sem texto”? Como diz Lara (2013, p. 3), citando Maingueneau:

Essa condição da aforização remete a um tipo de enunciação que obedece a uma outra lógica, distinta da do texto. Do ponto de vista mais imediato, isso significa que a aforização não é nem precedida nem seguida de outras frases com as quais estaria ligada por relações de coesão, de modo a formar uma unidade textual, ancorada num gênero de discurso. Logo, o que caracteriza a aforização é a recusa em entrar na lógica do texto e do gênero de discurso, o que não significa, por outro lado, que ela seja destituída de contexto.

A aforização é, pois, como já comentamos, uma sequência destacada de um texto (ao qual temos ou não acesso direto⁷) e por isso,

a aforização mantém uma relação paradoxal com o texto, ela se opõe à textualização, porém se inscreve inevitavelmente “no interior” de um texto. Em certo sentido, podemos até mesmo dizer que é o texto que ressalta a aforização, que torna saliente esse regime de enunciação que o contesta (MAINGUENEAU, 2015, p. 62).

A ideia geral deste trabalho é fazer dialogar as noções de polifonia/heterogeneidade enunciativa com as aforizações por meio da reflexão sobre o uso do discurso direto, principalmente (heterogeneidade mostrada marcada). Além disso, pretendemos mostrar o funcionamento da aforização, bem como seus possíveis efeitos de sentido, o que, por sua vez, nos impulsiona a tecer reflexões sobre a instância de recepção ideal, qual seja aquela que é imaginada pela instância de produção do jornal e, portanto, está inscrita no texto. Esse diálogo é possível principalmente porque, como já dissemos anteriormente, a responsabilidade da enunciação midiática recai em grande medida

⁷ Obter acesso direto (ou não) ao texto de origem de um enunciado destacado relaciona-se ao que Maingueneau (2015) denomina aforização por destacamento fraco ou forte. No primeiro caso, o enunciado destacado pode ser facilmente verificado, pois se encontra nas imediações de seu texto-fonte, isto é, o leitor tem acesso ao texto de origem, pois este se encontra no mesmo espaço ou nas páginas subsequentes ao destacamento. No segundo caso, o texto original composto pela sentença destacada não está diretamente acessível ao leitor. Em nosso caso, praticamente todos os enunciados destacados estão ligados ao destacamento fraco, visto que podem ser encontrados em textos da própria edição dos jornais.

sobre o jornal, o “grande locutor” que administra as mais variadas vozes e/ou locutores outros na construção de seu discurso. Nesse caso, o jornal é o responsável por colocar em prática a dinâmica da aforização como uma de suas estratégias de captação de leitores, o que nos auxilia a compreender a intencionalidade de interpelação do sujeito (real) na sua condição de leitor de textos jornalísticos por meio desses enunciados destacados.

Em outras palavras: por intermédio das aforizações, é possível verificar as diversas falas dos sujeitos envolvidos com a temática das tragédias, que são retiradas/destacadas de depoimentos, entrevistas etc. e que estão a serviço do posicionamento político, ideológico e discursivo dos jornais, visto que entram na lógica de sua construção discursiva por meio da gestão de vozes. Por outro lado, pode-se depreender, por meio do funcionamento interativo da aforização, os efeitos diversos pretendidos em relação à instância receptora, o que nos leva a apontar também para a dimensão argumentativa da aforização, a qual exerce certo grau de influência “orientando modos de ver e pensar” (AMOSSY, 2011, p. 129). Para a autora,

Passa-se, então, a uma concepção mais larga de argumentação, entendida como a tentativa de modificar, de reorientar ou mais simplesmente, de reforçar, pelos recursos da linguagem, a visão das coisas por parte do alocutário. Essa é a definição que eu desenvolvi em *L’argumentation dans le discours* (2006 [2010]), ampliando a da nova retórica de Perelman, pela tentativa de fazer aderir não somente a uma tese, mas também a modos de pensar, de ver, de sentir (AMOSSY, 2011, p. 130; grifo do original).

Assinalar essa visão argumentativa abre a possibilidade para indicar a relevância da aforização quando se trata de invocar no leitor um posicionamento político-ideológico-discursivo que corrobore os posicionamentos do jornal. Em outras palavras: ao colocar em cena determinadas “falas” (e não outras que estariam igualmente disponíveis) em relação às barragens rompidas, o jornal visa obter adesão ao seu próprio posicionamento, o que acontece porque as vozes evocadas no discurso estão a serviço desse processo. Partindo da premissa de que a destacabilidade é uma parte importante nos/dos textos midiáticos, podemos verificar que o *Estado de Minas* e a *Folha de S. Paulo*, em suas construções discursivas sobre os eventos, são ricos em enunciados desse tipo, a fim de chamar a atenção dos leitores.

Dito isso, passemos à análise de algumas aforizações retiradas dos jornais mencionados, mantendo em mente os polos de sujeitos/locutores direta e indiretamente implicados nas tragédias.

2.1 Aforizações na construção do discurso midiático sobre os rompimentos de barragem

As aforizações encontradas nos jornais⁸ podem ser, como já comentamos, divididas em dois grupos: i) aquelas que têm como locutores os sujeitos diretamente implicados pelos eventos, ou seja, os atingidos e os responsáveis pelas empresas que respondem pelas barragens rompidas e ii) os sujeitos não diretamente implicados pelos eventos, como os atores políticos e especialistas, que, por sua vez, são frequentemente convocados na construção do discurso com o objetivo de legitimar o posicionamento dos jornais. Tecidas essas considerações, no que diz respeito ao grupo de sujeitos discursivos diretamente implicados pelo acontecimento, podemos destacar, primeiramente, duas frases de moradores da região de Mariana aforizadas nos títulos de textos⁹ publicados no *Estado de Minas*:

- a) “Vi minha casa coberta de lama” (enunciado destacado como título de texto no *Estado de Minas*, 06 de novembro de 2015).
- b) “Foram-se os laços de identidade” (enunciado destacado como título de texto no *Estado de Minas*, 08 de novembro de 2015).

Ambos os enunciados se referem ao rompimento da barragem de Fundão, em Mariana-MG, no ano de 2015. Em (a), vemos destacada a fala de uma moradora de Bento Rodrigues que narra sua chegada ao vilarejo, logo após o trágico evento. Em (b), podemos ler a fala do professor de história Israel Quirino, importante figura marianense que estuda a história da região. Seleccionamos também mais um enunciado destacado como parte de título de matéria, ainda sobre o rompimento da barragem em Mariana-MG, desta vez, na *Folha de S. Paulo*:

- c) “Pulei de telhado em telhado”, diz menino (enunciado destacado como título de matéria da *Folha de S. Paulo*, 06 de novembro de 2015).

Já em relação ao rompimento da barragem de Brumadinho-MG, reproduzimos, a seguir, um recorte da capa do jornal *Estado de Minas* e um fragmento do depoimento de uma agricultora:

- d) “Parecia que estava tudo perdido” (enunciado destacado como parte da capa do *Estado de Minas*, 02 de fevereiro de 2019).

⁸ Os exemplos aqui apresentados e analisados foram retirados, de forma aleatória, do conjunto de matérias publicadas pelo *Estado de Minas* e pela *Folha de S. Paulo* no período de um mês após cada uma das “tragédias” (como já foi comentado).

⁹ A distinção entre notícia e reportagem esteia-se no fato de que a notícia, focalizando um acontecimento considerado relevante para o conhecimento público, é, via de regra, um texto mais pontual e mais curto. A reportagem, por outro lado, implica um aprofundamento da notícia, trazendo detalhes importantes para os interessados em determinado assunto. É, portanto, um texto mais longo e mais propício à reflexão. No caso dos textos jornalísticos utilizados no presente artigo, nem sempre é possível classificá-los, de forma rígida, como sendo uma notícia ou uma reportagem pelas características geralmente atribuídas a cada um desses gêneros. Quando isso ocorrer, usaremos os termos mais genéricos “matéria” ou “texto”.

- e) “Onda de lama fazia tremer o chão, o capim e a gente”, diz agricultora (enunciado destacado entre os que figuram nas colunas de texto que compõem uma notícia, *Folha de S. Paulo*, 27 de janeiro de 2019).

O enunciado destacado em (d) é um recorte da capa da edição de 02 de fevereiro de 2019 do jornal *Estado de Minas*, como foi dito, em que podemos observar o depoimento de dois homens que estavam em uma camionete atingida em cheio pela lama da barragem rompida em Brumadinho-MG. Sua narrativa foi amplamente divulgada nas mídias, depois de um vídeo em que o veículo aparece tentando fugir da “massa de lama” que se aproximava. A aforização (e), por sua vez, corresponde à fala de uma agricultora que foi destacada de uma notícia sobre o encontro de sobreviventes no dia subsequente ao rompimento da barragem de Brumadinho.

Vemos que todos os enunciados destacados nos exemplos de (a) a (e) estão em discurso direto (como se pode ver pela presença das aspas), mostrando-se em sintonia com o que Maingueneau (2014) chama de “aforizações prototípicas”. Porém, como se pode verificar nos exemplos reproduzidos, nem sempre se trata de enunciados generalizantes – outra característica apontada pelo autor para as aforizações prototípicas. Há enunciados na 1ª. pessoa do singular [como (a) e (c), por exemplo] que, nesse caso, ao apostarem em um posicionamento mais subjetivo, parecem querer enfatizar a própria condição de vítima ou de testemunha dos locutores.

Detalhando um pouco mais as aforizações selecionadas, podemos considerar que, em (a), o jornal usa as palavras da moradora de Bento Rodrigues como título da matéria, reforçando o impacto do rompimento da barragem no vilarejo. Afinal, a perda de uma casa tem implicações importantes na vida de uma pessoa, que passa de moradora a “sem teto”. Um complemento à parte é a foto que ilustra a matéria, na qual há pessoas com as mãos levantadas em sinal de comoção em relação à imagem que presenciam: a lama devastando o vilarejo. Dessa forma, a captação do leitor é feita pelo enunciado destacado/aforizado e complementada pela imagem. Esses elementos, frequentemente utilizados para reforçar a ideia na qual um discurso se apoia – e aqui nos referimos às consequências e à abrangência do rompimento da barragem de Fundão nas mídias mineiras representadas pelo jornal *Estado de Minas* – constroem com ele uma relação de unidade e concordância, remetendo à memória do acontecimento e suas variadas significações (evocadas pelo enunciado destacado).

Assim, o sentido se dá por meio da própria aforização em articulação com a matéria e com a foto. Além disso, observamos que o destacamento da fala desse locutor pode causar um efeito de sentido impactante no leitor idealizado pela instância de produção, interpelando-o a ler o texto completo. É possível também, por meio desse enunciado destacado, apontar para a dimensão argumentativa no que diz respeito a levar o leitor a refletir sobre as consequências do rompimento da

barragem de Fundão, em Mariana-MG. O enunciado destacado (aforização) passa, assim, ao *status* de uma estratégia discursiva que visa à captação da instância receptora.

O mesmo processo ocorre em (b). Em outra aforização bastante significativa, podemos encontrar a fala de um conhecido professor de História de Mariana-MG. Israel Quirino¹⁰, fala sobre a identidade e a memória de Bento Rodrigues, distrito de Mariana-MG, perdidas por ocasião da tragédia. Ao dar voz ao professor, o jornal posiciona-se no sentido de que as perdas ocorridas em Bento Rodrigues não foram somente físicas, o que implica observar que elementos simbólicos constitutivos da memória local estão incluídos. O jornal parece optar por se utilizar dessa voz para indicar que a igreja, a escola, os locais onde as festas tradicionais de Bento Rodrigues aconteciam eram parte constitutiva do próprio imaginário de mineiridade dos habitantes e daqueles que visitavam o local, agora destruído pela invasão dos rejeitos, o que tende a levar o leitor a construir um posicionamento acerca do evento que corrobore o(s) posicionamento(s) do jornal. Ao assumir que “foram-se os laços de identidade”, o locutor deixa implícito (pressuposto) que esses laços existiam antes da tragédia, apontando, ao mesmo tempo, para a dimensão do prejuízo causado pelo rompimento da barragem de Fundão, já que afeta a própria identidade do local e de seus moradores.

As aforizações (c) e (d), retiradas respectivamente da *Folha de S. Paulo* e do *Estado de Minas*, destacam frases que, em sua construção, chamam a atenção do leitor em relação à temática. Nesse caso, é possível, como em (a), apontar para depoimentos de fragilizados/atingidos diretamente pelo rompimento das barragens, o que cria, entre outros, efeitos de sentido de autenticidade, de alguém que viu “com seus próprios olhos” e não de quem ouviu contar. Tanto a fala do menino de Mariana (em que a repetição “de telhado em telhado” reforça o perigo e a dramaticidade da situação) quanto o destaque dado ao depoimento dos dois homens corroboram essa asserção. Além disso, no enunciado (d), podemos observar um destacamento que chama a atenção de um possível leitor, tanto pelo fato de figurar na capa do jornal, como uma das manchetes da edição, quanto pelo fato da ampla circulação do vídeo da camionete em fuga até ser atingida pela lama, o que aumenta a dimensão argumentativa da aforização.

Já em (e), destacado da *Folha de S. Paulo*, temos uma aforização que compõe uma das notícias sobre a localização de sobreviventes, publicada um dia após o rompimento da barragem em

¹⁰ Israel Quirino é um importante colaborador de jornais marianenses. No jornal *Voz de Marianna*, que circulou na cidade nos últimos anos da década de 1980, seus textos são essencialmente históricos e valorizam a memória mineira, a mineiridade e a identidade do mineiro por meio de narrativas sobre monumentos, símbolos da identidade local, bem como por editoriais e crônicas. O enunciado destacado do Prof. Israel Quirino estaria apto a integrar tanto um grupo de enunciados destacados de especialistas e comentaristas como de atingidos e fragilizados pelo evento. Isso porque, além de ser um professor de história (pre)ocupado com o patrimônio memorial da cidade, ele é um marianense e, portanto, está também ligado ao prejuízo cultural, simbólico, ambiental e humano que representa o rompimento da barragem de Fundão.

Brumadinho-MG. O texto narra o resgate dessas pessoas pelos bombeiros e obtém depoimentos de muitos que testemunharam a passagem da lama, incluindo a agricultora que narra sua experiência pessoal e cujo enunciado se destaca como importante elemento que corrobora a repercussão do evento para os sujeitos que compõem o grupo social local. Os lexemas “capim” e “chão” funcionam como elementos que integram o próprio imaginário de uma agricultora, ou seja, uma pessoa humilde que, juntamente com outros moradores da região, tira do campo o seu sustento diário, o que, de certa maneira, pode confirmar o destaque da frase como elemento decisivo de captação do leitor.

No que diz respeito ao grupo dos sujeitos discursivos não diretamente implicados com os/pelos acontecimentos, podemos destacar alguns casos de aforização, sendo dois representativos de atores políticos e dois de especialistas em diferentes áreas.

- f) Será difícil achar funcionário vivo, diz governador de MG (enunciado destacado como título de notícia publicada no caderno Cotidiano da *Folha de S. Paulo*, 09 de novembro de 2015).
- g) Ação irresponsável provocou desastre, diz Dilma em Paris (enunciado destacado como título de notícia publicada na *Folha de S. Paulo*, 1º de dezembro de 2015).
- h) “A empresa correu esse risco” (enunciado destacado como título de matéria do *Estado de Minas*, 02 de fevereiro de 2019).
- i) “Risco para a mineração se torna maior: Isso vai levar as empresas a mudar a tecnologia. Hoje, há tecnologia a seco, não precisa fazer barragem. As empresas vão ter que gastar dinheiro. Vai precisar estudar como fazer isso, e são gastos importantes. Não é só a Vale que tem barragens” (enunciado destacado no canto inferior esquerdo da página do caderno Mercado, *Folha de S. Paulo*, 28 de janeiro de 2019).

Nesses enunciados, podemos notar o destacamento de frases de sujeitos que ocupam lugares sociais diferentes dos mencionados anteriormente (cidadãos comuns afetados pelas tragédias). Cabe observar, inicialmente, que tanto em (f) quanto em (g), ambos da *Folha de S. Paulo*, as aforizações aparecem sem aspas, embora se trate de discurso direto (o que parece ser uma prática comum do referido jornal, como se pode ver em outros exemplos do *corpus*). Em (f), temos um enunciado destacado como título de uma matéria do caderno Cotidiano em que a fala do então governador de Minas Gerais, Fernando Pimentel, é colocada em destaque em uma relação dialógica com outras duas aforizações¹¹ que aparecem nos cantos superiores (direito e esquerdo) da página inicial desse mesmo caderno, lugar destinado e reservado às diversas matérias sobre os desdobramentos da tragédia ocorrida em Mariana-MG. A relação do enunciado destacado no título com as aforizações

¹¹ As aforizações que aparecem nos cantos superiores esquerdo e direito da página são respectivamente: i) “Soube pela avó paterna dele quais foram as últimas palavras do Thiago. Ele disse: ‘Jesus, não me deixe morrer, Jesus, Jesus, não quero morrer’ (Giovanna Rodrigues, mãe do menino Thiago Damasceno, 7, que desapareceu após o rompimento da barragem em Bento Rodrigues)”; e ii) “A espera por informações [de um operador de escavadeira desaparecido no acidente] é cansativa. Vão passando os dias e a esperança vai indo embora (Ana Paula Alexandre, 40, técnica em segurança do trabalho e mulher de Edinaldo Oliveira de Assis)”.

mencionadas é representativo do encontro de algumas vozes que legitimam o discurso do jornal quando noticiou a dificuldade de se encontrarem sobreviventes à medida que o tempo passava. Além disso, há um claro apelo às emoções do leitor, uma vez que a voz de Pimentel é reforçada por duas outras vozes que falam das vítimas: uma criança e um trabalhador, sujeitos “sensíveis” no imaginário social: a criança, porque é concebida como alguém inocente, que precisa de proteção (que não teve); o trabalhador porque representa a imagem de um homem honesto que cumpria seu dever, quando pagou com a vida pela falta de segurança no trabalho.

Em (g), a aforização foi “recortada” de uma fala da então presidente Dilma Rousseff, que foi relatada em matéria do jornal *Folha de S. Paulo*. A fala da presidente, na abertura de uma conferência sobre o clima em Paris, foi destacada pelo jornal ao lado de uma foto que mostra uma região invadida pela lama, sendo toda a extensão da imagem ocupada pelos rejeitos. Mostra ainda um helicóptero que sobrevoava a região, possivelmente para verificar a extensão dos danos, a mando de alguma instância governamental (sugerindo a “ação responsável” do governo – subentendida também na fala de Dilma – *versus* a “ação irresponsável” da empresa que responde pela barragem do Fundão: a Samarco Mineração S/A). Esse *layout* de título, matéria e foto corrobora a designação atribuída ao rompimento da barragem em Mariana-MG (ação *irresponsável*), com destaque para o índice de avaliação (em itálico) mobilizado pela presidente.

É possível perceber, dentre outras questões, que as falas de Dilma Rousseff e de Fernando Pimentel, ainda que não estejam entre aspas, como já sinalizamos, confirmam pelo menos uma das características fundamentais da aforização, qual seja, a “recusa” em entrar na lógica do texto e do gênero de discurso. Nesse sentido, é possível observar que tais enunciados parecem ter um funcionamento independente, não precisando integrar-se a uma sequência de enunciados para que possam causar um dado efeito de sentido. À primeira vista, é possível admitir que o jornal se “apropria” da voz de um locutor outro, atribuindo-lhe um sentido que visa à interpelação do receptor ideal (ou idealizado), a fim de que ele se torne um leitor real, interessado em ler o texto completo. A voz de sujeitos que representam o poder executivo no país parece ter algum peso no que diz respeito aos efeitos de sentido que podem ser construídos pelo interlocutor durante o “confronto” com frases como estas (pelo menos o de indignação pelo acontecido, em um claro efeito do *páthos*, sobretudo no caso da irresponsabilidade da empresa destacada por Dilma).

Esse mecanismo discursivo também é utilizado no enunciado destacado em (h). Dessa vez, o peso do enunciado recai sobre a fala de um especialista que, no entanto, só pode ser identificado na/pela leitura do texto completo, já que a aforização aparece sem um locutor/autor a quem possa ser atribuída. Isso mostra como o jornal discursiviza o evento por meio de destacamentos, apoiando-se em vozes outras que teriam valor de legitimação. No corpo da matéria, a fala é atribuída a Edézio

Teixeira de Carvalho, ex-professor da UFMG e da UFOP. Consequentemente, a figura de um geólogo e professor universitário como elemento que reforça um dado discurso, qual seja, o discurso do *Estado de Minas*, funciona como argumento de autoridade, legitimando a matéria em que ocorre e o próprio jornal. Em outras palavras: um tipo de destacamento como este pode ativar saberes que circulam socialmente em relação a lugares sociais/profissionais que ratificam, do ponto de vista de uma instância de recepção idealizada, os dizeres e o posicionamento do jornal. Ao afirmar que “a empresa correu esse risco” –, ou seja, a Vale, responsável pela barragem rompida em Brumadinho-MG –, Carvalho sugere que já havia problemas identificados anteriormente em relação aos quais nada se fez.

Em (i), examinamos um enunciado destacado no canto inferior esquerdo de uma reportagem do caderno Mercado (*Folha de S. Paulo*) sobre o impacto da tragédia nas finanças da mineração no Brasil e, em especial, nas da Vale. O enunciado é atribuído a Pedro Galdi, analista de uma corretora financeira chamada Mirae, ou seja, trata-se de mais um especialista que analisa os desdobramentos da tragédia para a empresa envolvida. Essa aforização, que destoa das demais pela sua extensão (podendo ser tomada como uma “aforização-limite”, visto que a aforização prototípica se constitui, geralmente, de uma única frase), aparece como um complemento dialógico do título da matéria (“Desastre afeta mais a imagem do que as finanças da Vale, dizem especialistas”). É importante notar que o próprio título sobre o (pequeno) impacto da tragédia nas finanças da empresa funciona como uma aforização, cujo conteúdo é uma espécie de síntese das falas de especialistas em finanças que aparecem em discurso relatado (direto) no corpo do texto. No entanto, trata-se de um enunciado “fabricado” pelo jornal e atribuído ao aforizador coletivo “os especialistas”. Não reproduziremos aqui cada uma dessas citações, mas constatamos que, em seu conjunto, elas servem como base de legitimação do discurso construído em (i), que aponta implicitamente para o desinteresse das empresas de mineração (não só a Vale) em assumir uma tecnologia mais avançada por ser mais cara. Essas aforizações funcionam, portanto, a exemplo das demais, como uma estratégia de captação do leitor e corroboram, por sua vez, a hipótese de que as diversas vozes que aparecem no discurso estão ali a serviço das finalidades editoriais do jornal.

Um outro caso de aforização merece ser citado neste trabalho. Ele pode ser incluído no primeiro grupo de sujeitos/locutores (aqueles diretamente implicados nos rompimentos), mas agora a partir do “lugar” enunciativo dos responsáveis pelo desastre de Brumadinho-MG. Trata-se da aforização, publicada no jornal *Estado de Minas*, do presidente da Vale, Fabio Schvartsman, que fala em nome da empresa, assumindo a 1ª. pessoa do plural (nós exclusivo: eu + eles, ou seja, os demais dirigentes da empresa):

- j) “Não sabemos o que aconteceu” (enunciado destacado como parte do *layout* de uma das páginas do caderno Gerais em *Estado de Minas*, 26 de janeiro de 2019).

No canto superior da página do caderno especial para assuntos mineiros, encontramos uma faixa na cor preta constituída (da esquerda para a direita) por: i) título “Tragédia em Brumadinho”, escrito na cor branca em letras grandes; ii) uma foto de bombeiros/voluntários trabalhando no meio da lama vistos de cima; e iii) o enunciado destacado referente à fala do presidente da Vale (“Não sabemos o que aconteceu”), escrito em letra branca, pequena e assinada por ele. Esse destacamento funciona como um complemento para a manchete da página, cujo título é “À espera de respostas”. Ora, enquanto o presidente da empresa pronuncia-se dizendo que não sabe o que motivou o rompimento da barragem (o que causa, no mínimo, um efeito de sentido de perplexidade no leitor), a manchete, título da matéria dessa mesma página, sinaliza a espera da comunidade por respostas (posição que parece ser também a assumida pelo jornal, que, a exemplo dos atingidos, quer respostas). Temos, assim, uma disputa muito produtiva entre vozes do ponto de vista da construção discursiva do jornal.

Essa breve demonstração de funcionamento do(s) discurso(s) sobre as tragédias nos assegura que é possível tomar a aforização como uma estratégia de captação do leitor, aquela que diz respeito à interpelação da instância de recepção ideal, na proposta charaudiana, para que se torne uma instância de recepção definitiva e/ou real. É possível também verificar no(s) discurso(s), por meio das aforizações, as vozes de diferentes sujeitos – ocupantes de diferentes posições sociais – que, apropriadas pelo jornal, buscam provocar nos leitores uma emoção (indignação, solidariedade para com as vítimas, entre outras), a finalidade de obter a adesão destes ao seu (do jornal) posicionamento político, ideológico e discursivo. Nesse sentido, dialogamos com as postulações de Charaudeau, especialmente no que tange à maneira como as mídias são consideradas neste trabalho. Isso porque elas, e em nosso caso específico, o jornal impresso, envolvem uma instância de produção em relação direta com uma instância de recepção (a imaginada e a real – público-alvo e público alcançado) por intermédio do produto: o jornal, o que, para além de um simples conjunto de textos, é para nós o resultado de uma troca social que se dá por meio da linguagem.

Embora não possamos generalizar, sem uma investigação mais profunda, indicamos algumas especificidades dos jornais focalizados, retomando o modo como utilizam os enunciados destacados para captar os possíveis leitores (que denominamos, de acordo com a postulação charaudiana, instância de recepção idealizada). *A Folha de S. Paulo*, sendo o jornal diário mais vendido no país e, segundo o que postula em sua seção institucional *online*, um dos veículos midiáticos de maior influência no Brasil, declara, em seu Projeto Editorial, compromisso com o seguinte princípio, entre

outros: “Priorizar temas que, por afetarem a vida em coletividade ou de parcelas expressivas da população, sejam considerados de interesse público (FOLHA DE S. PAULO *online*, 2019). Assim, colocando-se como um representante significativo das mídias brasileiras, assume as tragédias de Mariana-MG e Brumadinho-MG como importantes eventos que afetam a vida em sociedade, transformando esses “acontecimentos brutos” em notícia. Essa transformação se dá na e pela linguagem, por meio de mecanismos enunciativos entre os quais a destacabilidade tem papel decisivo, já que visa atrair o leitor em alguma medida.

De outro lado, o *Estado de Minas* se caracteriza como um grande jornal circulante em Minas Gerais (é parte de um grupo midiático bastante significativo, vinculado, por exemplo, ao Portal *Uai*, bastante popular no estado mineiro). O tratamento que dá aos rompimentos das duas barragens é bastante comprometido com sua mineiridade e com sua própria história enquanto “sobrevivente” de uma série de jornais mineiros que fecharam suas portas (FRANÇA, 1998, p. 101). Seu modo de tratar os eventos em foco se inscreve no próprio comprometimento de suas publicações enquanto representante da mídia mineira e, portanto, representante importante das coberturas jornalísticas de tragédias que ocorreram em seu próprio “espaço”. Apesar dessas características mais regionais, o jornal mineiro acaba por assemelhar-se à “grande mídia” na cobertura dos eventos e nas estratégias discursivas utilizadas para captação do leitorado. As aforizações são, assim, representativas, tanto no *Estado de Minas* quando na *Folha de S. Paulo*, do encontro de vozes, assumindo uma dimensão reflexiva e procurando despertar esse posicionamento em seu leitor. Em outras palavras: apesar de serem publicações distintas – uma de abrangência nacional (*Folha de S. Paulo*) e outra de abrangência mais limitada, praticamente regional (*Estado de Minas*) –, os dois jornais equiparam-se quanto ao modo de apresentar, em primeira instância, os acontecimentos por meio do recurso à destacabilidade. Ambos abordam o rompimento das barragens como um evento significativamente grave e, portanto, como um assunto de interesse coletivo.

O *Estado de Minas*, porém, ao dedicar dois Cadernos inteiros ao rompimento das barragens, assume um tom mais engajado, mais comprometido com a emoção (dimensão argumentativa), enquanto a *Folha de S. Paulo* mesmo que também dê voz aos atingidos, parece fazê-lo de uma perspectiva mais distanciada/mais abrangente (o que é compatível com a própria distância “física” entre o jornal e os locais em que ocorreram as tragédias em foco). Além disso, do ponto de vista da aforização propriamente dita, a *Folha* parece transgredir mais as características prototípicas desse fenômeno, usando discurso direto sem aspas, destacando enunciados mais extensos e mesmo “fabricando” aforizações.

Nunca é demais repetir que as observações feitas até aqui são preliminares e carecem de pesquisas mais acuradas sobre as possibilidades hermenêuticas das aforizações, bem como de estudos

sobre outros enunciados destacados que confirmem (ou não) as análises empreendidas neste trabalho. Não obstante, por ora, o estudo das aforizações mostra, em linhas gerais, que a aproximação geográfica não é determinante para o aparecimento (ou não) desses enunciados destacados e que eles constroem para o leitor possibilidades interpretativas (já que privilegiam certos enunciados, em detrimento de outros igualmente disponíveis, como já comentamos). Nesse sentido, assumimos com Mouillaud (2002, p. 30) que “o dispositivo prepara para o sentido”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como pudemos apresentar durante o percurso deste trabalho, a grande temática que abordamos está relacionada à construção discursiva midiática dos jornais *Folha de S. Paulo* e *Estado de Minas*, importantes veículos representativos das mídias no Brasil, sobre as tragédias dos rompimentos das barragens de mineração Fundão, em Mariana-MG, e Mina do Córrego do Feijão, em Brumadinho-MG, sob a responsabilidade, respectivamente, das empresas Samarco Mineração S/A e Vale S/A.

Nesse sentido, trabalhamos com a ideia de polifonia/heterogeneidade que, como acontece com todo discurso, atravessa o dizer dos jornais, particularmente para os fins que nos interessam aqui, por meio de enunciados destacados (aforizações). Esses enunciados, tomados como estratégias discursivas-argumentativas para “atrair” o outro/interlocutor, colocam os possíveis leitores em “convívio discursivo” com as diversas vozes geridas pelos dispositivos midiáticos em pauta, despertando, por meio dessa gestão de vozes, um efeito de sentido que corrobore a posição política, ideológica e discursiva de cada jornal.

Assim, as aforizações: i) funcionam como estratégia de captação, especialmente no que tange à interpelação da instância de recepção ideal para que se torne uma instância de recepção definitiva e/ou real; e ii) apontam para o diálogo e a confrontação de vozes escolhidas e geridas pelos jornais enquanto instância de produção do discurso. Falamos em confronto de vozes porque temos em foco ao menos dois polos discursivos, quais sejam: o dos diretamente e o dos indiretamente implicados pelos acontecimentos. Essas falas, retiradas de seus textos “originais” e reutilizadas como títulos, intertítulos ou legendas de fotos de matérias diversas funcionam como importante elemento de construção discursiva e de cobertura jornalística das tragédias e seus desdobramentos.

As breves análises que tecemos neste artigo mostram que a discursivização de acontecimentos, como aqueles relativos ao rompimento das barragens em Minas, feitos pelas mídias (aqui representadas pelos jornais *Estado de Minas* e *Folha de S. Paulo*), beneficiam-se grandemente das aforizações para retratar o encontro e a gestão de vozes presentes nas matérias produzidas. Essa

estratégia discursiva, que visa chamar a atenção de um possível leitor, favorece a relação existente entre a instância de produção e a instância de recepção (idealizada no fio do discurso) por meio do produto: o jornal, constituído por um sem número de textos que recuperam enunciados de outros discursos e os re(con)textualizam.

Além disso, os “autores” das frases em destaque mostram que os sujeitos discursivos a quem são atribuídas as aforizações podem ser pessoas comuns, alçadas a uma notoriedade instantânea pelo seu papel de participante ou testemunha dos acontecimentos noticiados, e que, dessa forma, dialogam ou polemizam com especialistas e autoridades, dando movimento à construção discursiva (e ao posicionamento) de cada jornal. Apela-se, assim, para a instância de recepção, para a memória (cognitivo)discursiva, para as crenças, os saberes e os imaginários que circulam em uma dada sociedade no entorno de temáticas sensíveis, como foi o caso do rompimento das duas barragens mineiras, que, juntas, compõem o pior “acidente” de mineração de que se tem conhecimento até hoje no Brasil.

REFERÊNCIAS

AMOSSY, Ruth. Argumentação e Análise do Discurso: perspectivas teóricas e recortes disciplinares. Trad. Eduardo Lopes Piris e Moisés Olímpio Ferreira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, Ilhéus, n.1, p. 129-144, nov. 2011.

AUTHIER-REVUZ, Jaqueline. Heterogeneidade(s) Enunciativa(s). Trad. Celene M. Cruz e João Wanderley Geraldi. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 19, p. 25-42, 1990.
<https://doi.org/10.20396/cel.v19i0.8636824>

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das mídias**. Trad. Ângela M. S. Corrêa. São Paulo: Contexto, 2015.

FOLHA DE S. PAULO. **Projeto editorial da Folha**. [on-line], mar. 2019. Disponível em: <https://temas.folha.uol.com.br/folha-projeto-editorial/projeto-editorial-folha-de-s-paulo/introducao.shtml>. Acesso em: 27 ago. 2019.

FRANÇA, Vera Veiga. **Jornalismo e vida social: a história amena de um jornal mineiro**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

LARA, Glaucia Muniz Proença. Passando a aforização em revista. **Estudos Semióticos**. [on-line], v. 9, n. 2, p. 7-14, dez. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/esse/article/view/69527>. Acesso em: 18 ago. 2019.

LARA, Glaucia Muniz Proença. O. Aforizações, exclusões e vozes nas mídias. In: IV SIAD, Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso, 2016, Belo Horizonte-MG. **Anais do IV Simpósio Internacional sobre Análise do Discurso: Discurso e Desigualdades Sociais**. Belo Horizonte: NAD/FALE/UFMG, 2016. Disponível em:

https://docs.wixstatic.com/ugd/0bea23_25f3e7b632f64fd6a0fdc8baeb49ab50.pdf. Acesso em 18 ago. 2019.

LARA, Glaucia Muniz Proença; CAMPOS, Carla Leila Oliveira. O dito e o silenciado em reportagens sobre tráfico de drogas no Rio de Janeiro. In: EMEDIATO, Wander (org.) **A construção da opinião na mídia**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013. p. 269-292

MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes, 1997.

MAINGUENEAU, Dominique. Citação e destacabilidade. Trad. Roberto Leiser Baronas. In: _____. **Cenas da enunciação**. Org. Sírio Possenti; Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. Curitiba: Criar, 2006. p. 72-90.

MAINGUENEAU, Dominique. Aforização: enunciados sem texto? Trad. Ana Raquel Motta. In: _____. **Doze conceitos em análise do discurso**. Org. Sírio Possenti; Maria Cecília P. de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola, 2010. p. 9-24.

MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. Trad. Sírio Possenti *et al.* São Paulo: Parábola, 2014.

MAINGUENEAU, Dominique. **Discurso e análise do discurso**. Trad. Sírio Possenti. São Paulo: Parábola, 2015.

MAINGUENEAU, Dominique. Heterogeneidade mostrada/constitutiva (verbete). In: CHARAUDEAU, Patrick e MAINGUENEAU, Dominique. Trad. Fabiana Komesu *et al.* **Dicionário de análise do discurso**. São Paulo: Contexto, 2016.

MOUILLAUD, Maurice. Da forma ao sentido. Trad. Sérgio Grossi Porto In: PORTO, Sérgio Dayrell (org.). **O jornal: da forma ao sentido**. Brasília: Editora UnB, 2002. p. 29-35.

POSSENTI, Sírio. Apresentação. In: MAINGUENEAU, Dominique. **Frases sem texto**. São Paulo: Parábola, 2014. p. 7-8.